



HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA ANÁLISE DAS ABORDAGENS TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E DOS RESULTADOS EM ARTIGOS CIENTÍFICOS NO PERÍODO 2019-2024

Samuel Sousa Correia¹

Benedito Eugênio²

Resumo

Este trabalho apresenta os resultados de uma revisão sistemática de artigos sobre a docência masculina na educação infantil, com foco nos artigos catalogados no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre 2019 e 2024. O objetivo é mapear as abordagens teóricas e metodológicas adotadas nesses trabalhos, buscando evidenciar como a construção da docência masculina é tratada na literatura acadêmica recente. Utilizamos o Estado do Conhecimento para categorizar os estudos e identificar as principais tendências e lacunas na pesquisa sobre masculinidades na Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil; Docência; Homens; Masculinidade.

Introdução

O presente trabalho, resultante de pesquisas iniciais da construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), busca responder a seguinte questão: “De que forma a temática professores homens na Educação Infantil vem sendo abordado no período de 2019 a 2024?”. A base de dados utilizada para responder esse questionamento foi o Portal de Periódicos da CAPES. O objetivo é identificar as principais abordagens teóricas e metodológicas presentes nas pesquisas sobre masculinidade e docência masculina na Educação Infantil entre 2019 e 2024.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, tendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos³ de idade, ressaltando a necessidade de promoção dos aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais.

Segundo Louro (1997), o magistério passou por um processo de feminização no Brasil, especialmente a partir da segunda metade do século XIX. A autora destaca que essa mudança não

¹ Graduando do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

² Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e do Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEn/UESB).

³ A LDB foi promulgada em 1996 e definia em seu art. 29 que a Educação Infantil era destinada a crianças de até 6 anos. Entretanto, a Lei nº 12.796 de 2013 modificou o art. 29, alterando a idade de 6 para 5 anos.

foi impulsionada apenas por leis ou decretos, mas sim por transformações sociais mais amplas, como a urbanização e a chegada de imigrantes, que contribuíram para novas oportunidades de trabalho para as mulheres. Esse processo também está associado a uma nova visão da atividade docente, onde mulheres passam a ser vistas como mais adequadas para a profissão devido a características tidas como inerentes ao gênero feminino, como a capacidade de cuidar e educar crianças de maneira mais adequada.

Dentro desse contexto, a presença masculina na Educação Infantil se tornou palco para muitas discussões, envolvimento de desafios e estereótipos, sendo esse último, uma construção social condizente com a masculinidade hegemônica vigente. Tal conceito é aqui entendido como “[...] um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) que possibilitou que a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse” (Connell, 2013, p. 245).

Metodologia

A metodologia adotada é o Estado do Conhecimento devido à sua contribuição para identificar padrões e lacunas na produção científica sobre a temática, possibilitando mapear os estudos sobre a docência masculina na Educação Infantil. Segundo Morosini e Fernandes (2014, p. 155, grifo do autor), “*estado de conhecimento* é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.”

Esse tipo de revisão vai além de uma simples descrição do conhecimento existente daquele determinado tema, ele busca identificar padrões e lacunas na área pesquisada, o que permite uma visão macro do que já foi produzido e possíveis direcionamentos que a pesquisa pode tomar. A utilização do Estado do Conhecimento nessa situação, permite a identificação das principais discussões recentes sobre os homens na Educação Infantil.

A coleta de dados foi realizada exclusivamente no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), considerando artigos publicados entre 2019 e 2024. O recorte a partir de 2019 se deu pelo alto número de trabalhos encontrados nesse período. Os descritores utilizados foram “Homens” AND “Educação Infantil”, resultando inicialmente em um total de 131 trabalhos. Em seguida, aplicamos os seguintes critérios de inclusão e exclusão:

Foram empregados os seguintes critérios de inclusão: artigos direcionados à Educação Infantil; que abordem a temática de homens na docência. Como critérios de exclusão consideramos: Idioma português; Artigos com acesso restrito foram desconsiderados. Dos artigos,

foram excluídos os que estavam em espanhol. Após utilizarmos esse filtro, um total de 76 trabalhos se encaixaram nos critérios e foram considerados. Empregamos as ferramentas existentes na base utilizada, o que permitiu filtrar determinadas informações.

Partindo da leitura dos títulos e resumos, foram mantidos 57 trabalhos. 19 foram excluídos. Esses 57 trabalhos estão alinhados com a temática central da pesquisa e abordam questionamentos pertinentes em relação a docência masculina na Educação Infantil. O número elevado de trabalhos realça a relevância que a temática vem tomando nos últimos anos. Destaca-se, na produção sobre a temática, a revista *Zero-a-Seis*, da Universidade Federal de Santa Catarina, com um total de 17 trabalhos. A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí, também se destaca na produção de artigos, com 11 trabalhos.

Resultados e discussão

A docência na educação infantil, historicamente, segundo Demartini e Antunes (1993) foi uma carreira masculina e uma profissão feminina. Para as autoras, durante o período colonial as mulheres estiveram afastadas da escola. É apenas após a independência que essa situação se altera e na década de 1820 são criadas escolas de primeiras letras para mulheres.

No entanto, segundo as mesmas autoras, já no período imperial, as mulheres começaram a ser admitidas nas escolas normais e acabaram por transformá-lo em um espaço tipicamente feminino.

Posteriormente, a partir do século XX, o magistério da educação infantil tornou-se um espaço feminino. Segundo dados do censo escolar de 2023, do total de docentes nessa etapa da escolarização, 96,2% é exercida por mulheres. Com relação à presença masculina nessa etapa, ainda segundo o censo, desde 2014 houve o aumento de apenas 0,7%. Esse ponto revela a importância de estudos sobre a temática abordada neste texto.

Segundo Monteiro e Altmann (2014, p. 723):

A docência dedicada à infância é uma área profissional que ilustra a segmentação decorrente dessa perspectiva de divisão sexual do trabalho, com o trabalho das mulheres associado à esfera reprodutiva e o dos homens, à esfera produtiva. A educação de crianças pequenas é associada ao âmbito do trabalho doméstico e à esfera reprodutiva, sendo, dessa forma, naturalizada como área de atuação feminina.

Os resultados encontrados revelam um alto número de pesquisas relacionadas à docência masculina na Educação Infantil no período de 2019 a 2024, o que evidencia a relevância de conhecer os percursos formativos e as práticas educativas desses docentes no cotidiano da escola de educação infantil e das creches.

A presença cada vez maior de estudos sobre homens na Educação Infantil reflete uma abertura para discussões sobre masculinidade e gênero. Levando em conta esse estudo, essas discussões contribuem para questionar estereótipos, ainda mais em um campo tradicionalmente dominado por mulheres.

Em sua maioria, os estudos exploram as masculinidades a partir de entrevistas e estudos de caso utilizando uma abordagem qualitativa. Nota-se também uma concentração no tema de desafios profissionais enfrentados por homens na Educação Infantil. Isso demonstra uma tentativa de compreender como esses profissionais são percebidos em um ambiente considerado “feminino” e como isso impacta nas relações sociais que permeiam a prática docente, especialmente, na Educação Infantil.

Nesses trabalhos utilizados para o levantamento, também pode-se notar o enfoque nas constituições do profissional como docente no espaço da Educação Infantil. As pesquisas buscam abarcar como os professores constroem sua identidade e se manifestam nas relações sociais que rondam a instituição.

Conclusões

Os dados analisados evidenciam um aumento crescente nas discussões sobre a docência masculina na Educação Infantil, carecendo somente de um refino e aprofundamento nas teorias sobre masculinidade no contexto escolar. A revisão adotada revela a diversidade metodológica sobre a temática, possuindo trabalhos que adotem a visão do profissional da Educação Infantil, dos colegas docentes ou até mesmo dos alunos em suas pesquisas.

Além disso, é possível encontrar artigos que realizem o mapeamento da produção científica sobre a temática, contribuindo com uma visão mais abrangente e consolidada das discussões sobre masculinidade e gênero no contexto escolar. Esse levantamento tem foco maior em identificar os desafios e barreiras enfrentados na prática docente por parte desses profissionais.

Embora a quantidade de estudos tenha sido significativa nesse recorte de tempo, ainda existem lacunas a serem preenchidas. O aprofundamento sobre as discussões de masculinidade e gênero é um assunto importante a ser discutido. Os trabalhos, em sua maioria, utilizam da abordagem qualitativa, buscando explorar as experiências individuais e coletivas. Faltam trabalhos que empreguem metodologias mistas, que empreguem as narrativas para a coleta dos dados e que acompanhem o trabalho de docentes homens no magistério da educação infantil por um prazo mais longo, a exemplo de estudos transversais.

Referências

BRASIL. Lei nº 9394 de 24 dez 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, 1996.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241–282, jan. 2013.

DEMARTINI, Zeila; ANTUNES, Fátima. Magistério primário: profissão masculina, carreira feminina. **Cadernos de Pesquisa**, n.86, p.5-14, 1993.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MONTEIRO, M. K.; ALTMANN, H. Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 44, n. 153, p. 720–741, jul. 2014.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, [S. l.], v. 5, n. 2, p. 154–164, 2014. DOI: 10.15448/2179-8435.2014.2.18875. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/poescrito/article/view/18875>. Acesso em: 10 nov. 2024.